

## A Naifa

### *Golpes de fado e electrónica*

O que fazem juntos o guitarrista de um grupo *punk* de sucesso nos anos 80 que resolveu trocar a electricidade pela guitarra portuguesa, um pop-folclorista obcecado pela electrónica e uma fadista amadora em início de carreira? A Naifa. Um grupo cortante, formado por Luís Varatojo (ex-Peste e Sida, Despe e Siga e Linha da Frente), João Aguardela (Sitiados, Megafone e Linha da Frente) e Maria Antónia Mendes (Mitó), a que se juntou o baterista Vasco Vaz. *Canções Subterrâneas*, editado em 2004, é o álbum de estreia.

O fado é sem dúvida um ponto de partida. Mas aqui não interessa em estado puro, mas numa perspectiva de releitura e cruzamento com outros elementos. Por isso, os autores preferem chamar ao disco pop, também para não criar polémicas e porque pop é quase tudo o que se canta. Mas não há dúvidas que na

voz de Mitó há trejeitos fadistas. A Naifa pode não ser só fado, mas também é fado. De resto, a ligação das «naifas» ao fado é ancestral.

Um grupo com uma linguagem própria. Segundo João Aguardela, «original por falta de comparência»<sup>1</sup>. Independentemente disso, desbrava um novo caminho, sem descuramento estético. A experiência funciona, não se notam as costuras, nem há a diferença pela diferença, a inovação pela inovação. É muito provavelmente o mais feliz ensaio do género.

Aguardela e Varatojo são os mentores do projecto. Já ambos tinham concebido A Linha da Frente – um supergrupo de pop electrónico com o objectivo de cantar poesia portuguesa contemporânea. Em A Naifa, voltam a insistir na poesia (também um traço dominante do novo fado). Só cantam poetas portugueses vivos. Entre outros, Adília Lopes, José Luís Peixoto, Rui Pires Cabral, Rui Lage, José Mário Silva, Tiago Gomes, Eduardo Pita e Ana Paula Inácio.

O contributo de João Aguardela para a reinvenção do folclore português é enorme. Fundou os Sitiados, banda que misturava música tradicional com pop-rock, que conheceu um êxito enorme nos anos 90. O álbum de estreia, em 1992, com o mega-sucesso *Vida de Marinheiro* vendeu mais de 40 mil cópias. Seguiram-se *E Agora?! (1993)*, *O Triunfo dos Electrodomésticos (1995)* e *Sitiados (1996)*. Em 1997, Aguardela lança o projecto Megafone, onde mistura folclore com música electrónica. O músico trabalhou também com Paulo Bragança, no álbum *Lua Semi-Nua*.

Luís Varatojo, por seu lado, foi o guitarrista de uma das mais significativas bandas *punk* portuguesas – Os Peste & Sida – com influências claras de Ramones e Clash. Editaram o seu álbum de estreia, *Veneno*, em 1987, a que se seguiram *Portem-se Bem (1988)*, *Peste & Sida É Que É (1990)* e *Eles Andam Aí (1992)*. Os Peste & Sida deram lugar aos Despe & Siga, banda de *covers* que interpretava clássicos do *rock* em português.

Com este historial, não deixa de ser estranho ver Varatojo de guitarra portuguesa em punho. «Também a minha mãe apanhou um choque quando eu formei os Peste & Sida» – conta. E acrescenta: «Hoje é bem mais *punk* tocar uma guitarra portuguesa do que uma guitarra eléctrica.»<sup>2</sup> E talvez tenha razão. Afinal, não eram *punks* (vagabundos) os primeiros fadistas?

2004 – *Canções Subterrâneas*

<sup>1</sup> In *Jornal de Letras*, 26 de Maio de 2004, artigo de Manuel Halpern.

<sup>2</sup> *Ibidem*.